

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

**COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE RACISMO ANTINEGRO E
SOFRIMENTO PSÍQUICO PARA ESTAGIÁRIOS(AS) DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

SARAH RAQUEL IZIDRO UMBELINO DE SOUSA

CAMPINA GRANDE

2022

SARAH RAQUEL IZIDRO UMBELINO DE SOUSA

**COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE RACISMO ANTINEGRO E
SOFRIMENTO PSÍQUICO PARA ESTAGIÁRIOS(AS) DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

**Trabalho apresentado a Unidade Acadêmica de
Psicologia, em cumprimento às exigências para
obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob
orientação da Professora Dra. Virgínia Teles
Carneiro.**

CAMPINA GRANDE – PB

2022

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

S725c

Sousa, Sarah Raquel Izidro Umbelino de.

Compreensão da relação entre racismo antinegro e sofrimento psíquico para estagiários(as) de psicologia clínica / Sarah Raquel Izidro Umbelino de Sousa. – Campina Grande, PB, 2022.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 323.14+316.2 (813.3)

Responsabilidade técnica de catalogação:

Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

SARAH RAQUEL IZIDRO UMBELINO DE SOUSA

**COMPREENSÃO DA RELAÇÃO ENTRE RACISMO ANTINEGRO E
SOFRIMENTO PSÍQUICO PARA ESTAGIÁRIOS(AS) DE PSICOLOGIA CLÍNICA**

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Virgínia Teles Carneiro

Orientadora

Professora Dra. Isadora Dias Gomes

Examinadora

Professora Dra. Suenny Fonseca de Oliveira

Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antonia Izidro, Geraldo Odilon e Benedita das Neves (*In Memoriam*), que sempre acreditaram em mim, até mesmo quando duvidei de minha capacidade, sempre destacaram a importância dos estudos e tanto se esforçaram para que eu tivesse acesso a uma educação crítica e de qualidade, eu agradeço, sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus irmãos, Jéssica Thays e Diego Talys, que me apoiaram durante todo esse processo, eu agradeço.

Ao meu sobrinho, irmão e filho, Murillo Emanuel, que me ensinou sobre o significado do verdadeiro amor, eu agradeço.

Aos meus tios, Cícero Umbelino e Nego Toin, que sempre me apoiaram e cuidaram de mim, eu agradeço.

Aos meus avós, Ana Izidro e Francisco Umbelino (*In Memoriam*), que sempre me incentivaram a estudar, eu agradeço.

Aos amigos que estiveram ao meu lado durante esses cinco anos, eu agradeço.

A minha orientadora, Virgínia Teles, que me apoiou e acolheu em momentos difíceis, eu agradeço.

A todos que cruzaram o meu caminho, eu agradeço.

RESUMO

Diante da percepção das dificuldades em incluir as discussões sobre racismo na rotina da formação em psicologia, o presente estudo teve como principal objetivo investigar como estagiários(as) de psicologia clínica compreendem e lidam com o sofrimento psíquico relacionado ao racismo antinegro em sua prática. Utilizou-se o método qualitativo, a amostra foi composta por cinquenta e três estagiários(as) de psicologia clínica, que responderam um questionário divulgado remotamente. Para análise de dados, empregou-se a estatística descritiva e a análise temática de conteúdo. Foram identificados dois temas centrais: 1) Como lidam com o sofrimento psíquico relacionado ao racismo no atendimento clínico e 2) Aspectos da formação. No primeiro tema foram elaboradas três categorias: a) Elementos facilitadores no atendimento psicoterápico; b) Efeitos psíquicos do racismo e c) Dificuldades no atendimento psicoterápico. No segundo tema, foram elaboradas três categorias: a) Lacunas e falhas na graduação; b) Conhecimentos necessários e c) Lacunas e falhas na supervisão. Observou-se que o debate sobre relações étnico-raciais está presente nos cursos de Psicologia, porém de modo insatisfatório e superficial e que os(as) participantes possuem limitado repertório teórico e técnico que possibilitem a percepção do sofrimento psíquico relacionado ao racismo no *setting* terapêutico, tal como restritas habilidades e competências terapêuticas que facilitem o manejo clínico. Conclui-se que há necessidade de incluir discussões sobre a temática nas grades curriculares dos cursos e tornar as discussões sobre racismo e sofrimento psíquico algo fundamental nas supervisões clínicas.

Palavras-chave: Racismo. Formação do psicólogo. Psicoterapia. Supervisão clínica.

ABSTRACT

Faced with the perception of difficulties in including discussions about racism in the routine of training in psychology, the main objective of this study was to investigate how clinical psychology trainees understand and deal with psychic suffering related to anti-black racism in their practice. The qualitative method was used, the sample consisted of fifty-three clinical psychology trainees, who answered a questionnaire released remotely. For data analysis, descriptive statistics and thematic content analysis were used. Two central themes were identified: 1) How they deal with psychic suffering related to racism in clinical care and 2) Aspects of training. In the first theme, three categories were elaborated: a) Facilitating elements in psychotherapeutic care; b) Psychic effects of racism and c) Difficulties in psychotherapeutic care. In the second theme, three categories were elaborated: a) Gaps and failures in graduation; b) Required knowledge and c) Gaps and failures in supervision. It was observed that the debate on ethnic-racial relations is present in Psychology courses, but in an unsatisfactory and superficial way and that the participants have a limited theoretical and technical repertoire that allow the perception of psychic suffering related to racism in the therapeutic setting , as well as restricted therapeutic skills and competences that facilitate clinical management. It is concluded that there is a need to include discussions on the subject in the curricula of the courses and to make discussions about racism and psychic suffering fundamental in clinical supervision.

Keywords: Racism. Psychologist training. Psychotherapy. Clinical supervision.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. MÉTODO	12
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
3.1. Perfil sociodemográfico	13
3.2. Perfil das respostas sobre sofrimento psíquico e racismo antinegro e sobre a própria formação.....	13
3.3. Análise temática.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1. INTRODUÇÃO

O que deve compor a formação em psicologia para garantir que ao final da graduação sejam alcançados altos níveis de excelência profissional? A que projeto de sociedade um curso de psicologia deve atender? Apesar de reconhecer a dificuldade de encontrar respostas satisfatórias para essas perguntas, não é difícil perceber que as formações em psicologia fazem escolhas sobre quais caminhos devem ser percorridos pela(o) estudante. Os projetos dos cursos optam pelos conteúdos que devem receber atenção e quais podem ser negligenciados.

A recente difusão do pensamento decolonial tem mostrado que a universidade, de modo geral, produz conhecimentos sob uma perspectiva única e uma epistemologia universal que tem como base uma visão eurocêntrica de humanidade. A importância da epistemologia é descrita por Kilomba (2017, p. 05), quando afirma que esta é que determina:

1. Os temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro. 2. (os paradigmas) quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido. 3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro.

Ao escolher que os conhecimentos advindos da Europa e Estados Unidos são superiores, a universidade silencia sobre diversas epistemologias, retira a diversidade e o pluralismo dos debates que compõem uma formação acadêmica. O sistema de classificação que direciona o que é ou não um conhecimento superior está diretamente ligado às hierarquizações outras vividas em nossa sociedade. Para Almeida (2019) a invenção da ideia de raça foi fundamental para o estabelecimento das relações de dominação impostas desde o contexto da conquista das Américas no século XVI e presentes até a atualidade.

A noção de raça como sistema de categoria humana surge na modernidade em meados do século XVI com a expansão marítima. Tal noção está atrelada a conflito, decisão e poder, de maneira a tratar-se de um conceito histórico e relacional (ALMEIDA, 2019). Em consonância, Munanga (2000) afirma que biológica e cientificamente a raça não existe. Contudo, houve um esforço científico desde o século XVIII para hierarquizar as raças através de uma escala de valores morais, psicológicos, intelectuais e culturais, que sustentou a tese de que pessoas negras estariam naturalmente mais sujeitas à escravização e dominação, constituindo as bases teóricas do racismo. Para o filósofo Silvio Almeida:

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p.22).

De maneira didática, para o autor, o racismo pode ser classificado em três concepções: individual, institucional e estrutural. Segundo a concepção individualista, o racismo seria um fenômeno psicológico ou ético de natureza individual ou coletiva. Para a concepção institucional, o racismo seria o resultado do funcionamento de instituições que buscam atender os interesses políticos e econômicos dos grupos raciais hegemônicos. Já para a concepção estrutural, o racismo é efeito da própria estrutura social, ou seja, do modo com que se estabelecem as relações pessoais, econômicas, políticas e jurídicas. Portanto, podemos inferir que sob a concepção estrutural o racismo se desdobra em processos de ordem política e histórica (ALMEIDA, 2019).

Historicamente, as condições precárias de vida impostas à população negra desencadearam vulnerabilidades sociais nos âmbitos educacionais, trabalhistas, habitacionais e da saúde. No meio universitário, a produção de conhecimento não está isenta do processo de manutenção das desigualdades sociais. Gilroy (2001) utiliza o termo racismo epistêmico para o conhecimento elaborado a partir de uma única epistemologia, dominada pela razão branco-ocidental, tornando as características europeias como globais para a humanidade. A filósofa brasileira Sueli Carneiro (2005) afirma que no campo educacional o racismo epistêmico antinegro é reproduzido ativamente, tanto pela dificuldade do acesso e permanência de estudantes negros à educação, como também pelo silenciamento de produções de intelectuais negros e negras. Assim, o epistemicídio acontece em vários níveis, consolidando campos de saberes hierarquizados que excluem ou pouco representam as racionalidades negras.

Como exemplo disso, no campo científico ligado à psicologia, Gouveia e Zanello (2018) realizaram um levantamento da produção acadêmica acerca dos impactos do racismo antinegro na saúde mental da população negra e verificaram a contribuição da Psicologia nessa produção. Segundo as autoras, o resultado foi insatisfatório, apontando “a necessidade urgente de ênfase investigativa, na agenda da Psicologia clínica, dos impactos do racismo na saúde mental de pessoas negras” (p.460). Isso é corroborado por outros autores, que afirmam que a produção sobre relações étnico-raciais se concentra especialmente na Psicologia Social (MARTINS; SANTOS; COLOSSO, 2013; SACCO; COUTO; KOLLER, 2016). Na mesma direção, Tavares e Kuratani (2019, p. 2-3) afirmam que “no campo da psicologia clínica brasileira, não se tem um corpo de conhecimentos, métodos ou estratégias sistematicamente

desenvolvidas para o manejo clínico das repercussões do racismo sobre a saúde mental da população negra”.

Em uma pesquisa, Espinha (2017) analisou trinta e sete Projetos Políticos-Pedagógicos (PPPs) de cursos de Psicologia do Brasil e achou que a formação encontra-se centrada em um viés clínico tradicional, que observa o ser humano por meio de uma ótica individualista e distante da realidade social brasileira. De acordo com a autora, há um silenciamento das temáticas raciais na formação em psicologia e quando estas temáticas são trabalhadas é de modo restrito e superficial. Carvalho e Missiatto (2021) apontam que existe uma relação direta entre o déficit da formação e o pouco conhecimento dos estudantes e profissionais de psicologia sobre raça, racismo e discriminação racial.

Diante dessas lacunas, a pesquisa aqui relatada teve como principal objetivo investigar como estagiários(as) de psicologia clínica compreendem e lidam com o sofrimento psíquico relacionado ao racismo antinegro em sua prática. O interesse se deu pelo recente crescimento das discussões relacionadas à saúde mental da população negra nas mídias digitais e pela percepção das dificuldades em incluir as discussões sobre racismo na rotina da formação em psicologia, pelos motivos já expostos acima. Além disso, no Brasil contamos oficialmente com uma Política Nacional de Saúde Integral da População Negra desde o ano de 2009, que coloca dentre as ações pretendidas, a atenção à saúde mental da população negra objetivando “a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social” (BRASIL, 2013, p.28). Na esfera da psicologia, existe uma regulamentação (Resolução nº 18/2002) que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2002). Assim, a pesquisa visa possibilitar um panorama amplo sobre como as questões raciais estão sendo trabalhadas na formação da(o) futura(o) psicóloga(o) clínica(o), contribuindo para compreendermos o cenário atual da formação em psicologia no que se refere à saúde mental da população negra.

2. MÉTODO

O estudo está no âmbito da pesquisa qualitativa, por tratar-se de uma pesquisa descritiva realizada com estagiários(as) de psicologia clínica. Especialmente após o início da pandemia da Covid-19, o uso da internet como ferramenta facilitadora do processo de coleta de dados tem se tornado cada vez mais frequente, uma vez que possibilita que pessoas de diferentes localidades possam participar. Considerando a especificidade do público-alvo da presente pesquisa, avaliou-se que a elaboração de um questionário a ser respondido de forma online seria uma via interessante para alcançar os(as) participantes.

O questionário foi formulado especificamente para estagiários(as) de psicologia clínica, por isso era necessário se autodeclarar estagiário(a) de psicologia clínica para dar seguimento às respostas. As perguntas tinham finalidade de: a) traçar o perfil sociodemográfico dos(as) participantes; b) conhecer aspectos objetivos da formação e atuação clínica; c) identificar elementos da prática clínica que pudessem ser facilitadores e dificultadores no atendimento psicoterápico a pessoas da população negra na opinião dos(as) participantes e (d) observar se os(as) participantes reconhecem o racismo antinegro como produtor de iniquidades no campo da saúde mental.

Para coleta de dados, o questionário foi divulgado em diferentes redes sociais, em perfis ligados à psicologia. Foi inserido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) virtual, composto por uma página de esclarecimento sobre a pesquisa, além da solicitação de autorização para uso dos dados, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, acerca de pesquisa envolvendo seres humanos. A pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (C.A.A.E 39785720.0.0000.5182).

O estudo contou com a participação de 53 (cinquenta e três) estagiários(as) de psicologia clínica. As respostas do questionário foram transferidas para o Excel e analisadas através do uso da estatística descritiva simples e Análise Temática (MINAYO, 2014), considerada uma modalidade da Análise de Conteúdo. Para Minayo (2014), essa modalidade de análise operacionaliza-se em três etapas: 1) Pré-análise; 2) Exploração do Material e 3) Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação. No presente estudo, o tratamento de dados orientou-se pelas etapas propostas pela autora, deste modo, foi realizado codificação, categorização, agrupamento temático e interpretação de maneira mais ampla. Os resultados encontrados serão apresentados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas ao questionário foram analisadas em três dimensões: a) Descrição do perfil sociodemográfico, b) Perfil das respostas sobre sofrimento psíquico e racismo antinegro e sobre a própria formação e c) Análise Temática.

3.1. Perfil sociodemográfico

Considerando os(as) 53 estudantes que compõem a amostra, a maioria se declara como mulher cisgênero (75,5%), heterossexual (66%) e de cor branca (56,6%). Os homens cisgêneros formaram 20,8% da amostra e 15,1 % foram pessoas homossexuais. Outros 13,3% se declararam bissexuais. A soma dos percentuais das pessoas autodeclaradas pretas (7,5%) e pardas (34%) foi 41,5%, o que constitui o total de pessoas negras participantes na pesquisa, visto que, no Brasil, considera-se negro(a) pessoas pertencentes a esses dois grupos (BRASIL, 2013). A maioria (43,4%) possui renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, seguido por pessoas que ganham até 1 salário mínimo (20,7%) e entre 3 e 6 salários mínimos (18,9%). A média de idade foi de 26 anos, sendo a maioria (24,5%) com 22 anos. Sobre a formação acadêmica, a maioria (60,4%) estuda em universidade privada e 20,8% ingressou por reservas de vagas.

3.2. Perfil das respostas sobre sofrimento psíquico e racismo antinegro e sobre a própria formação

A primeira pergunta desta parte do questionário é se era comum pessoas da população negra apresentarem sofrimento psíquico relacionado ao racismo. Com esta pergunta gostaríamos de ter uma noção do perfil da amostra em relação à validação desse sofrimento. A maioria (84,9%) respondeu que sim. O restante, em igual proporção, respondeu que não (7,5%) ou que nunca pensou sobre isso (7,5%). Pedimos uma justificativa para as respostas Sim e Não, e é relevante dizer que as pessoas que responderam Não se referem ao fato de nunca terem presenciado pessoas negras falando explicitamente sobre este sofrimento, mas consideram que esse sofrimento pode existir. Perguntamos se acreditavam que pessoas brancas também apresentam sofrimento relacionado ao racismo e a maioria (83%) respondeu que não. Outros 13,2% nunca pensaram sobre isso e 3,8% disseram que sim. Das pessoas que responderam Sim, apenas 1 considerou a possibilidade de existir racismo contra pessoas

brancas, as outras referiram-se à hipótese de pessoas brancas sofrerem de forma solidária ao racismo antinegro.

Quando questionados se já atenderam clinicamente pessoas com sofrimento psíquico relacionado ao racismo, tivemos as seguintes respostas: 71,7% declararam que não atenderam; 20,8% disseram que sim e que a maioria das pessoas atendidas eram pretas; 5,7% responderam que sim e que a maioria são de pessoas pardas e 1,9% afirmaram que sim e que a maioria são indígenas. Das pessoas que já fizeram atendimento a pessoas com sofrimento psíquico ligado ao racismo, 63% afirma não ter sentido nenhuma dificuldade.

Nós abordamos a temática da paridade e diferença racial na díade formada pelo(a) estagiário(a) e pelo(a) cliente, pois alguns estudos apontam para este fator como algo fundamental para a formação da aliança terapêutica (CORBELLA; BOTELLA, 2004). O resultado mostrou uma certa semelhança na proporção, pois 54,7% acredita que a diferença racial promove alguma interferência no atendimento clínico, enquanto 45,3% disse que não há esta interferência. Este aspecto e o anterior, referente às dificuldades no atendimento, serão aprofundados posteriormente.

No tocante às orientações e/ou estudos sobre raça, etnia e racismo durante a graduação, chegamos ao seguinte resultado: 42% dos(as) estagiários(as) receberam orientações e buscaram estudar mais sobre as temáticas, 18,9% receberam orientações, mas não buscaram estudar mais sobre as temáticas, 18,1% não receberam e não buscaram estudar mais sobre as temáticas e, por fim, 15,1% não receberam orientações e buscaram estudar mais sobre as temáticas. Mais especificamente no que se refere à supervisão clínica, 49,1% dos(as) estagiários(as) não receberam orientações sobre raça/racismo e não buscaram estudar mais sobre as temáticas, ou seja, um número bem diferente ao que foi respondido no que se refere à graduação como um todo. Ainda sobre a supervisão, 28,3% não receberam orientações e buscaram estudar mais sobre as temáticas por conta própria, 17% receberam orientações e buscaram estudar mais sobre as temáticas e 5,7% receberam e não buscaram estudar mais sobre as temáticas. Por fim, 83% dos(as) participantes afirmaram que somente os conhecimentos de sua abordagem psicológica não são suficientes para o atendimento psicológico de pessoas com sofrimento psíquico relacionado ao racismo. Outros 11,3% nunca pensaram sobre isso e 5,7% afirmaram que os conhecimentos de sua abordagem clínica são suficientes para o supracitado atendimento.

3.3. Análise temática

Foram elencados dois temas centrais: 1) Como lidam com o sofrimento psíquico relacionado ao racismo no atendimento clínico e 2) Aspectos da formação. No primeiro tema foram elaboradas três categorias: a) Elementos facilitadores no atendimento psicoterápico; b) Efeitos psíquicos do racismo e c) Dificuldades no atendimento psicoterápico. No segundo tema, foram elaboradas três categorias: a) Lacunas e falhas na graduação; b) Conhecimentos necessários e c) Lacunas e falhas na supervisão.

Tema 1: Como lidam com o sofrimento psíquico relacionado ao racismo no atendimento clínico

- *Elementos facilitadores no atendimento psicoterápico*

O atendimento psicoterápico de pessoas negras que apresentam sofrimento psíquico relacionado ao racismo exige do psicoterapeuta a adaptação de técnicas, instrumentos e intervenções para o contexto sociocultural do cliente e o desenvolvimento de competências e habilidades facilitadoras (DAMASCENO, 2018; TAVARES; KURATANI, 2019). Estudiosos apontam que a consciência racial e cultural são elementos importantes para o atendimento psicoterápico de minorias étnico-raciais (CARDEMIL; BLATER, 2003; SUE; BUCCERI; LIN; NADAL; TORINO, 2007). Na presente investigação, formulamos a categoria “Elementos facilitadores no atendimento psicoterápico”, organizada em três subcategorias: “Competência Multicultural”, “Elementos para uma boa vinculação” e “Correspondência racial”.

A subcategoria “**Competência Multicultural**” refere-se a necessidade, apontada pelos(as) participantes, de formações em competências multiculturais para os(as) estagiários(as) de psicologia clínica, como representado pela Participante 1: “*Acho que falta muito um treinamento de competências multiculturais para os terapeutas em formação*”. Os(as) participantes julgaram o desenvolvimento de competência e sensibilidade cultural como importantes elementos para o atendimento psicoterápico de pessoas negras com sofrimento psíquico associado ao racismo.

Fuertes et al (2006) frisam que a competência multicultural é a capacidade do psicoterapeuta de integrar fatores culturais, históricos e étnico-raciais à sua orientação teórica e técnica e deve ser considerada um pré-requisito para se trabalhar com a temática do racismo

no atendimento clínico. Pesquisadores formularam um conjunto de competências que integram a terapia multicultural, as quais abordam a necessidade de consciência racial e cultural do terapeuta, o desenvolvimento de sensibilidade com as experiências de opressões vividas pelos clientes e o aprimoramento teórico sobre a história e cultura dos grupos étnico-raciais (SUE et al. 1998 *apud* FUERTES et al, 2006, p. 481). Cardemil e Blater (2003) destacam que uma postura mais ativa em relação às questões de raça e etnia é um modo de incluir as competências multiculturais nos atendimentos psicoterápicos, assim como fortalecer a aliança terapêutica.

A subcategoria “**Elementos para uma boa vinculação**” buscou agrupar os fatores pontuados pelos(as) participantes como facilitadores para o estabelecimento do vínculo terapêutico entre estagiário(a) de psicologia clínica e cliente negro(a) que apresenta sofrimento psíquico relacionado ao racismo, dentre esses elementos estão: acolhimento, empatia, sensibilidade e validação do sofrimento psíquico. Conforme representado pela fala da Participante 2: “*É indispensável sensibilidade e empatia ímpares no manejo desses clientes.*”

Em um estudo realizado com clientes de minorias étnico-raciais, Chang e Berk (2009) encontraram estratégias que podem contribuir para a formação de uma aliança terapêutica positiva. Segundo os autores, uma abordagem diretiva, o uso de técnicas psicoeducativas, o treinamento de habilidades, a adaptação de técnicas, a auto-revelação, com objetivo de aproximar as realidades culturais e a visível demonstração de interesse no conteúdo relatado são elementos que auxiliam nesse processo.

Malott e Schaeffle (2015) fazem uma síntese de vários estudos acerca de práticas efetivas que conselheiros podem usar para lidar com o racismo, sugerindo um esquema de quatro etapas e, para cada uma delas, um conjunto de habilidades e conhecimentos específicos: a) competências fundamentais do conselheiro, que refere-se a compreensão da intersecção de identidades socioculturais e aspectos mais específicos do racismo e as diferentes variações de seus efeitos; 2) escolher uma abordagem teórica que promova uma ótica contextual do racismo para evitar a patologização de respostas do cliente aos eventos ambientais; 3) habilidades para iniciar e/ou abordar o tema racismo no atendimento, o que deve ser exercitado desde a formação; 4) tipos de intervenção, como fortalecimento da identidade racial do cliente e explorar possibilidades para respostas de enfrentamento.

A subcategoria “**correspondência racial**” refere-se ao papel da paridade racial na relação estagiário(a) - cliente nos casos em que ambos são negros(as). Os(as) participantes

afirmaram que a paridade racial possibilita identificação, a qual pode facilitar o estabelecimento de vínculo, como exemplificado pela fala da Participante 3:

“Acho que a cor, nesse caso, tem um papel identificatório muito potente. Uma pessoa negra falar com um psicólogo também negro talvez permita um conforto e sensação de entendimento que não teria com uma pessoa de outra cor. Assim como um psicólogo negro talvez tenha uma escuta mais aberta e em sintonia com o sofrimento daquela pessoa, tanto pela experiência própria quanto por seu arcabouço teórico.” (PARTICIPANTE 3)

Meyer e Zaner (2013) descobriram que a paridade racial em psicoterapia - quando cliente e profissional integram o mesmo grupo étnico-racial - é significativamente mais importante para clientes de minorias raciais. Em seu estudo, Ward (2015) encontrou que, em um primeiro momento, os clientes afro-americanos analisam a paridade racial, somente após que analisam outras variáveis do(a) psicoterapeuta, como gênero e idade. Embora estudos apontem que a paridade racial por si só não é garantia de eficácia terapêutica, ela está relacionada a um índice menor de abandono, maior sentimento de satisfação e maior tempo de permanência no tratamento (CHANG; BERK, 2009). Deste modo, observa-se que a raça possui relevância na relação terapêutica, mas não é decisiva para o resultado do tratamento psicológico.

- *Efeitos psíquicos do racismo*

A segunda categoria, “Efeitos psíquicos do racismo”, agrupou as respostas dos(as) participantes sobre os efeitos do racismo na subjetividade de pessoas negras e brancas. Para os(as) participantes, como o racismo integra a estrutura da sociedade brasileira, fazendo-se presente nas relações sociais, econômicas e políticas, as suas consequências são inevitáveis para a população negra.

Historicamente, a população negra não teve acesso a condições de vida dignas. Em 1888, após a Abolição da Escravatura, compreendida por Nascimento (2016, p.81) como um “ato de condenar os africanos ‘livres’ e seus descendentes, a um novo estado econômico, político, social e cultural de escravidão em liberdade”, dado que não houve nenhuma medida reparativa ou processo de integração da população negra a sociedade, iniciou-se, com a política imigratória, uma nova fase do processo de branqueamento brasileiro, por meio desta a imigração massiva de europeus foi incentivada e facilitada, objetivando a miscigenação que levaria à assimilação e o desaparecimento do negro. Neste contexto, estudiosos de teorias eugenistas presumiam que em séculos a raça negra desapareceria (NASCIMENTO, 2016).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada no ano de 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), identificou que 54% da população brasileira se autodeclara negra (IBGE, 2016). O IBGE (2019) aponta que a população negra difere significativamente da branca, em termos de indicadores do mercado de trabalho, distribuição de renda, condições de moradia e acesso à educação. Apesar do contingente populacional negro ser o maior do país, este grupo ocupa posições de maior vulnerabilidade diante as desigualdades socioeconômicas, estando mais suscetível à violências físicas, morais e psicológicas. Sucessivas situações de estresse e exposição a humilhações podem levar à desordem psíquica e emocional (CARVALHO; MISSIATTO, 2021), a respeito disso a Participante 4 declarou: *“O racismo pode impactar na baixa autoestima, na escolha amorosa e relações profissionais. Aspectos que quando não contemplados podem gerar sofrimento psíquico.”*

Em uma pesquisa exploratória, Faro e Pereira (2011) analisaram as particularidades dos conceitos de raça e racismo na saúde de sujeitos submetidos à discriminação ou preconceito racial, sob à ótica de estudos sobre o estresse. Os autores destacaram que há indícios de distribuição desigual do estresse entre os grupos étnico-raciais e que o Brasil carece de estudos sobre a temática.

Na presente investigação, observou-se que os(as) participantes reconhecem que o racismo impacta a saúde mental da população negra, podendo culminar em sofrimento psíquico. Entretanto, a maioria ao referir-se ao racismo como causador de sofrimento abordou apenas situações de racismo direto, sem abordar mais explicitamente o racismo estrutural (ALMEIDA, 2019). Também verificou-se confusão entre os termos preconceito, discriminação racial e racismo, demonstrando superficial conhecimento acerca da temática.

Já em relação à população branca, percebeu-se que, para os(as) participantes não é possível que este grupo racial seja vítima de racismo, pois quando sujeitos brancos experienciam sofrimento psíquico relacionado ao racismo é por causa de seu engajamento na luta antirracista, o que ocasiona sensibilização com o sofrimento da população negra. Deste modo, compreende-se que não há um sofrimento em nível grupal, apenas individual, conforme representado pela Participante 4:

“Poucos indivíduos que se declaram brancos de fato se engajam na luta contra o racismo, por isso dificilmente alguém irá sofrer. Acredito que apenas os brancos engajados politicamente na luta contra o racismo podem sofrer danos à saúde mental relacionados a isso. Porque de fato, não existe racismo reverso. (PARTICIPANTE 4)

Bento (2002) ressalta que a identidade racial branca proporciona privilégios simbólicos e materiais. De acordo com a autora um dos efeitos da branquitude é a falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais, o que se constitui como “uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado e problematizado” (p. 26). A excessiva visibilidade grupal do negro e individualização do branco, é denominada por Piza (2002, p. 72) como “lugar de raça”.

- *Dificuldades no Atendimento*

Conforme mencionado, para o atendimento psicoterápico de pessoas negras que apresentam sofrimento psíquico relacionado ao racismo é necessário que o(a) profissional ou o(a) estagiário(a) de psicologia clínica possua um repertório para além do adquirido na formação técnico-científica, é preciso conhecimento sobre as relações étnico-raciais, repercussões subjetivas do racismo e consciência de sua racialidade. Ribeiro (2017) salienta que, por sermos sujeitos racializados, somos atravessados por distintas opressões estruturais, que repercutem em nossas experiências de vida e influenciam nossos valores, crenças e formação cultural. O não reconhecimento de questões sociais e raciais no contexto da psicoterapia pode levar à invalidação das experiências dos clientes (CARDEMIL; BLATER, 2003), reprodução de microviolências raciais no *setting* terapêutico (SUE; BUCCERI; LIN; NADAL; TORINO, 2007) e constituir-se em dificuldades no manejo clínico das demandas raciais.

A terceira categoria, “Dificuldades no Atendimento”, representa as dificuldades expostas pelos(as) participantes no atendimento psicológico de pessoas negras com sofrimento psíquico associado ao racismo, organizando-as em duas subcategorias, “Manejo de demandas de cunho racial” e “Ausência de paridade racial”.

A subcategoria “**Manejo de demandas de cunho racial**” refere-se a dificuldade na facilitação, acolhimento e validação de demandas individuais que estão relacionadas ao racismo, expressadas pelos(as) participantes. Sobre isso, a Participante 5 disse:

“Senti dificuldade no manejo, conseguir acolher, fazer aquele ambiente um lugar seguro onde a pessoa sinta que seu discurso é legítimo, porém foi/é saber como você conduz o tratamento para a superação do sofrimento pois ao mesmo tempo que é algo social tem também impactos no subjetivo, no plano individual.” (PARTICIPANTE 5)

Uma pesquisa realizada com 23 (vinte e três) estagiários(as) de psicologia clínica, no interior de Rondônia, demonstrou que os(as) estagiários(as) tem dificuldade em relacionar os conceitos do campo psicológico de forma crítica, de modo que abarque as especificidades das questões raciais, e que possuem limitado repertório teórico-metodológico para identificar e intervir nessas demandas em *setting* terapêutico (CARVALHO; MISSIATTO, 2021). Tavares e Kuratani (2019) apontam para a carência de publicações nacionais acerca do manejo clínico das repercussões do racismo no atendimento clínico psicológico. As autoras sugerem possibilidades de reorientação das práticas clínicas voltadas para esta população, como a validação de sentimento de insegurança, tristeza e raiva da cliente. Gomes (2019) aponta para a importância da criação e ampliação de repertório para lidar com o racismo nomeado e não nomeado pelas clientes. Na presente pesquisa observa-se com nitidez que a formação em psicologia carece de preparo adequado para o manejo clínico de demandas raciais.

A subcategoria “**Ausência de paridade racial**” refere-se à dificuldade causada pela diferença racial na díade estagiário(a) - cliente. Os(as) participantes brancos(as) relataram que por não integrarem o grupo étnico-racial negro, não compreendem e não conseguem dimensionar o sofrimento psíquico oriundo do racismo, como representado pela Participante 6: *“Por mais que eu compreenda e tente dar o meu melhor, eu sou branca. Nunca vou conseguir mensurar a dor de uma pessoa negra que sofreu pela cor de pele dela. Acho que essa foi a minha dificuldade.”*

Apesar da paridade racial estar associada à redução de disparidades em saúde mental e ser mais importante para clientes de minorias étnico-raciais (MEYER; ZANE, 2013), não é suficiente para garantir a eficácia terapêutica (CHANG; BERK, 2009) e a qualidade do tratamento (GOUVEIA; ZANELLO, 2019). Damasceno (2018) destaca que a ideia de que o compartilhamento de experiências possibilita a compreensão do racismo em psicoterapia, é equívoca, se fosse deste modo, seria necessário a presença de diversas paridades na díade terapeuta-cliente para realização de atendimento psicológico. Na realidade, esta crença representa um despreparo teórico, técnico e científico. No entanto, ressalta-se que estudos continuam demonstrando a importância da correspondência racial para as minorias. Uma pesquisa sobre clientes com adoecimento mental grave descobriu que a paridade racial estava associada a uma aliança mais forte, mesmo em pessoas altamente aculturadas (CHAO; STEFFEN; HEIBY, 2012).

Tema 2: Aspectos da Formação

- *Lacunhas e Falhas na Graduação*

Sabe-se que somente a graduação em psicologia não é suficiente para o desenvolvimento de todas as competências e habilidades necessárias para o fazer profissional, contudo, este é um momento fundamental para a construção de conhecimentos e práticas a respeito das problemáticas sociais. Além disso, a periodicidade com que as temáticas são abordadas influencia no que será considerado relevante pelos futuros profissionais (SANTOS; SCHUCMAN, 2015). Neste sentido, o Conselho Federal de Psicologia (2017) considera estratégico apresentar aos(as) estudantes materiais que abordem as relações raciais e seus efeitos psicossociais.

A categoria “Lacunhas e falhas na graduação” representa a ausência de orientações e/ou estudos aprofundados sobre as relações étnico-raciais ao longo da graduação. Os(as) participantes declararam que as questões étnico-raciais foram abordadas superficialmente nos componentes curriculares, conforme exposto pela Participante 7: *“Houve debates e recomendações de leituras sobre o assunto durante o curso, porém, muitas vezes esta formação veio somente a pedido de alunos que gostariam de explorar o tópico.”*

Os debates sobre as relações raciais nos programas de graduação e pós-graduação em psicologia são conduzidos de forma superficial e pontual (SANTOS; SCHUCMAN, 2015; KHOURI; CASTELAR, 2016) e muitas vezes são movidos pelo interesse docente e afinidade pessoal. Schucman, Nunes e Costa (2017) observaram que não é comum que o racismo e as relações étnico-raciais sejam discutidos nos componentes obrigatórios dos cursos de psicologia, destacando a necessidade de incorporar o assunto nos programas político-pedagógicos.

- *Conhecimentos Necessários*

Essa segunda categoria objetivou descrever os conhecimentos que os(as) participantes afirmaram ser imprescindíveis para o atendimento psicoterápico de pessoas negras com sofrimento psíquico relacionado ao racismo. Os(as) estagiários(as) elencaram que é importante compreender os efeitos psicossociais do racismo, as consequências do racismo na vida da população negra e realizar estudos aprofundados sobre relações étnico-raciais e abordagem psicológica, como exemplo temos a fala da Participante 8:

“Buscar artigos, estudos, biografias que falem sobre os danos emocionais, psicológicos que a população preta sofre diariamente, se atualizar sobre dados, estatísticos acerca do racismo e suas demais consequências a quem sofre e se

aprofundar em manejos teóricos e práticos para que o estagiário/psicológico lide e atenda esse sujeito com efetividade.” (PARTICIPANTE 8)

Meyer e Zane (2013) descobriram que os clientes de minorias sentiram que era importante que seu psicoterapeuta entendesse a história de seu grupo racial. Chang e Berk (2009) constaram que a falta de conhecimento específico dos psicólogos sobre a interseção de gênero, racismo, discriminação e opressão social é um fator de insatisfação de clientes minoritários. Malott e Schaeffle (2015) afirmam que a competência cultural do conselheiro envolve a habilidade de conversar sobre questões raciais durante o atendimento, avaliando se e como devem introduzir o assunto ao longo dos atendimentos. Portanto, considera-se importante que o(a) psicólogo(a) esteja atento a esses temas.

- *Lacunas e Falhas na Supervisão Clínica*

A supervisão clínica é um processo indispensável para a formação do(a) estudante de psicologia (BARRETO; BARLETTA, 2010). Para as autoras, o objetivo da supervisão é a capacitação e o preparo profissional para a prática clínica, constituindo-se como um momento fundamental para o desenvolvimento de habilidades e competências psicoterapêuticas necessárias à prática clínica. Proctor e Rogers (2013) apontam que, durante a formação acadêmica, a supervisão clínica representa uma passagem do papel de estagiário para o de profissional.

A terceira categoria, “Lacunas e Falhas na Supervisão Clínica”, representa as ausências e as falhas na abordagem da temática étnico-racial nas supervisões clínicas, descritas pelos(as) participantes. A maioria dos(as) estagiários(as) declararam que não receberam orientações específicas para o atendimento de pessoas com demandas relacionadas ao racismo, seja pela ausência de clientes cujo conteúdo latente do sofrimento psíquico esteja associado ao racismo, seja pela falta de atenção dada ao assunto pelos(as) supervisores. Conforme exemplificado pela Participante 9: “*Por ser uma temática pouco abordada na graduação, no que diz respeito a orientação de atendimento aos pacientes dessa etnia.*”

Para Malott e Schaeffle (2015) conselheiros de qualquer raça podem inicialmente se sentir desconfortáveis em discutir raça, dependendo do nível de desenvolvimento da identidade racial. Os ambientes de formação do conselheiro são lugares essenciais para começar a praticar as habilidades na abordagem do assunto. Para isso, os educadores devem se sentir à vontade para abordar tópicos relacionados à raça para facilitar essas conversas na sala de aula e ajudar a ampliar as habilidades necessárias para os futuros conselheiros.

Carneiro (2021) afirma que o antirracismo deve ser incluído como uma atitude fundamental na formação do psicólogo clínico sugerindo que é possível traçar estratégias para iniciar ou fortalecer o processo de desenvolvimento de identidade racial dos(as) estagiários(as).

Os(as) estagiários(as) que afirmaram que as questões étnico-raciais foram abordadas nas supervisões clínicas, demonstraram que a discussão só ocorreu porque estava relacionada aos interesses pessoais do(a) docente responsável pela supervisão clínica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo buscou-se compreender como estagiários(as) de psicologia clínica compreendem e lidam com o sofrimento psíquico relacionado ao racismo antinegro em sua prática. Partiu-se do pressuposto de que a ideia de raça diferencia e localiza as pessoas na sociedade e estrutura as relações sociais. Reconhece-se que pelas opressões históricas sofridas pela população negra brasileira e pelos diversos estudos sobre a temática, é indispensável ao(à) profissional da psicologia compreender o racismo como um determinante social diretamente envolvido nos processos de saúde, sofrimento e adoecimento.

Na presente pesquisa, observou-se que o debate sobre relações étnico-raciais está presente nos cursos de Psicologia, porém de modo insatisfatório e superficial, o que corrobora os achados de outras pesquisas. Assim, há necessidade de incluir discussões sobre a temática nas grades curriculares dos cursos, visando o desenvolvimento de habilidades que possibilitem a identificação do racismo como um determinante social no campo da saúde mental. É urgente tornar as discussões sobre racismo e sofrimento psíquico algo fundamental nas supervisões clínicas, sem depender do interesse ocasional do(a) supervisor(a) e/ou do(a) estagiário(a).

A despeito dos(as) participantes reconhecerem o racismo como produtor de iniquidades em saúde e sofrimento psíquico, observa-se que possuem limitado repertório teórico e técnico que possibilitem a percepção do sofrimento psíquico relacionado ao racismo no *setting* terapêutico, tal como restritas habilidades e competências terapêuticas que facilitem o manejo clínico. Isso é um indicador de despreparo profissional para lidar com tais demandas de sofrimento. Além disso, a incapacidade de reconhecer o comportamento e as atitudes racistas pode levar os(as) profissionais da saúde a promoverem mais sofrimento e tornar a psicoterapia um ambiente inseguro e um momento de reprodução de violência. Neste sentido, ressalta-se a importância dos(as) estagiários(as) serem letrados racialmente.

Recomenda-se a realização de mais estudos sobre o tema, levando-se em consideração a ampliação da amostra, pois uma maior abrangência possibilitará uma melhor compreensão do atual cenário da formação em Psicologia no que se refere ao debate sobre racismo e sofrimento psíquico. A inclusão de estudos sobre os diferentes efeitos do racismo antinegro na saúde mental da população é fundamental para a formação de psicólogos e psicólogas que sejam agentes ativos e comprometidos ética e politicamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BARRETO, Mariana Cardoso; BARLETTA, Janaína Bianca. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Cadernos de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde (ISSN 1980-1769)**, v. 12, n. 12-2010, 2010.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 2. p. 25-58.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Políticanacional de saúde integral da população negra: uma política do SUS**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- CARDEMIL, Esteban V.; BATTLE, Cynthia L. Guess who's coming to therapy? Getting comfortable with conversations about race and ethnicity in psychotherapy. **Professional Psychology: Research and Practice**, v. 34, n. 3, p. 278, 2003
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Virginia. Experiências na formação de psicoterapeutas antirracistas. **Diaphora**, v. 10, n. 3, p. 32-38, 2021.
- CARVALHO, Fábio Rodrigues; MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Raça e classe na clínica psicológica: concepções de estagiários do interior da amazônia ocidental. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, 2021.
- CHANG, Doris F.; BERK, Alexandra. Making cross-racial therapy work: a phenomenological study of clients' experiences of cross-racial therapy. **Journal Of Counseling Psychology**, [S.L.], v. 56, n. 4, p. 521-536, out. 2009. American Psychological Association (APA). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0016905>.
- CHAO, Puihan J.; STEFFEN, John J.; HEIBY, Elaine M. The effects of working alliance and client-clinician ethnic match on recovery status. **Community Mental Health Journal**, v. 48, n. 1, p. 91-97, 2012.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP. **Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2017. 147 p.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. Resolução CFP Nº 018/2002. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- CORBELLA, S; BOTELLA, L. **Investigación en psicoterapia: proceso, resultado y factores comunes**. Madrid: Editorial Vision Net, 2004.
- DAMASCENO, Marizete Gouveia. **Onde se esconde o racismo na psicologia clínica? a experiência da população negra na invisibilidade do binômio racismo e saúde mental**. 2018. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ESPINHA, Tatiana Gomez. A temática racial na formação em psicologia a partir da análise de projetos políticos-pedagógicos: silêncio e ocultação. **Universidade Estadual de Campinas**, 2017.

FARO, André; PEREIRA, Marcos Emanuel. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 16, p. 271-278, 2011.

FUERTES, Jairo N.; STRACUZZI, Thomas I.; BENNETT, Jennifer; SCHEINHOLTZ, Jennifer; MISLOWACK, A.; HERSH, Mindy; CHENG, David. Therapist multicultural competency: a study of therapy dyads. **Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training**, [S.L.], v. 43, n. 4, p. 480-490, 2006. American Psychological Association (APA). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-3204.43.4.480>.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Isadora. Reflexão sobre os limites e possibilidades de empatia na escuta de mulheres negras. In: TASSINARI, Marcia; DURANGE, Wagner (Orgs.). **Empatia: a capacidade de dar luz à dignidade humana**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. Cap. 5. p. 85-101

GOUVEIA, M.; ZANELLO, V. **Saúde mental e racismo contra negros: Produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos**. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 38, 3, p. 450- 464, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas-Informação Demográfica e Socioeconômica**, v. 41, 2019.

KHOURI, Jamille Georges Reis; CASTELAR, Marilda. Percepções de Estudantes sobre o Debate das Relações Raciais na Formação em Psicologia. **Psicologia: Ensino & Formação**, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 53-62, 31 dez. 2016. Editora Letral Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21826/2179-58002016725362>.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba. Tradução Jéssica Oliveira. s/d. Material sobre performance. Instituto Goethe, 2017. Acesso 10/08/2022. Disponível em: www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf.

MALOTT, Krista M.; SCHAEFLE, Scott. Addressing clients' experiences of racism: A model for clinical practice. **Journal of Counseling & Development**, v. 93, n. 3, p. 361-369, 2015.

MARTINS, E.; SANTOS, A. O.; COLOSSO, M. **Relações étnico-raciais e psicologia: Publicações em periódicos da SciELO e Lilacs**. **Psicologia: Teoria e Prática**, 15, 3, p. 118-133, 2013.

MEYER, Oanh L.; ZANE, Nolan. THE INFLUENCE OF RACE AND ETHNICITY IN CLIENTS' EXPERIENCES OF MENTAL HEALTH TREATMENT. **Journal Of Community Psychology**, [S.L.], v. 41, n. 7, p. 884-901, 22 jul. 2013. Wiley. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1002/jcop.21580>.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: Cadernos Penesb - Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói: EdUFF, 2000. p. 15-34

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Editora Perspectiva SA, 2016.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no brasil.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Cap. 2. p. 25-58.

PNAD, IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios. **Rio de Janeiro: IBGE, 2015.**

PROCTOR, Sherrie L.; ROGERS, Margaret R. Making the Invisible Visible: Understanding Social Processes Within Multicultural Internship Supervision. In: **School Psychology Forum.** 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SACCO, A. M.; COUTO, M. C. P. P.; KOLLER, S. H. **Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobrepreconceito racial.** Temas em Psicologia, 24, 1, p. 233-250, 2016.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos(as). **Revista Epos,** Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, nov. 2015.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. 122 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer; NUNES, Sylvia da Silveira; COSTA, Eliane Silvia. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. **Psicologia Usp,** [S.L.], v. 28, n. 1, p. 144-158, 17 abr. 2015. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564a20132413>.

SUE, Derald Wing; BUCCERI, Jennifer; LIN, Annie I.; NADAL, Kevin L.; TORINO, Gina C.. Racial microaggressions and the Asian American experience. **Cultural Diversity And Ethnic Minority Psychology,** [S.L.], v. 13, n. 1, p. 72-81, 2007. American Psychological Association (APA). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/1099-9809.13.1.7>.

TAVARES, J.S.C.; KURATANI, S.M.A. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão,** 39, p. 1-13, 2019.